

Cine-antibullying: uma estratégia de enfrentamento ao *bullying* escolar

WALDEMAR CAVALCANTE LIMA NETO*

Resumo: O fenômeno *bullying* se manifesta na escola prejudicando o ensino-aprendizagem e coopera para a instituição não cumprir o seu papel social na formação do ser humano. Portanto, objetiva-se relatar uma prática educativa, cujo papel do professor foi essencial para o alcance de resultados no enfrentamento à intimidação sistemática que ocasiona dor, angústia e sofrimento. Visto a escola ser orientada a partir da lei 13.185/2015 a desenvolver ações que contribuam para a minimização do fenômeno, foi possível produzir, considerando o protagonismo dos estudantes, o *Cine-antibullying*. Tratou-se de uma estratégia de base colaborativa que recorreu ao recurso tecnológico mais utilizados por eles (os celulares) para a construção de uma exposição de curtas elaborados pelos estudantes. Os resultados apontaram que ações de base colaborativa e protagonizadas pelos estudantes cooperam para a abertura as dimensões do respeito, da solidariedade, do amor precisas para o enfrentamento à violência.

Palavras-chave: A prática educativa; O *bullying*; O curta-metragem; Protagonismo Juvenil; O *cine-antibullying*.

Cine- Antibullying: a pedagogical strategy to confrontation to bullying at school

Abstract: The bullying phenomenon manifests at school, jeopardizing teaching-learning and cooperates for the institution not to fulfill its social role in the development of the human being. Therefore, the objective is to report an educational practice, whose the role of the teacher was essential to achieve results in coping with systematic intimidation that causes pain, distress and suffering. Since the school is ruled by the law 13185/2015 to develop actions that contribute to the minimization of the phenomenon, it was possible to produce, considering the role of students, the *Cine-antibullying*. It was a collaborative strategy, which used the technological resource/gadget most used by them (cell phones) to perform an exhibition of short films made by students. The results showed that collaborative-based actions featured by the students cooperate to open the dimensions of respect, solidarity, and love necessary to face violence.

Key words: Educational practice; The bullying; The short film; The *cine-antibullying*.



* WALDEMAR CAVALCANTE LIMA NETO é Professor da educação básica da rede estadual de ensino em Pernambuco. Formado em Letras pela Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte e em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife. Possui mestrado em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte e atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL na Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: wal_lundgreen@hotmail.com, Orcid: 0000-0001-5557-2362



1. Introdução

A escola é um espaço de convivência humana e nela são desenvolvidas diversas relações, as quais colaboram para o processo de ensino-aprendizagem. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional Brasileira de 1996 considera que ela é um dos espaços em que se efetiva a formação humana e desenvolve-se o processo de educação, que tem por fim, consoante o 2.º artigo, o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996). Entretanto, se, por um lado, a função escolar tem o desafio de continuamente elevar seus formandos à cidadania, por outro, a violência tem contribuído para que este objetivo não se concretize, visto que na vivência escolar o fenômeno do *bullying* tem colaborado para o aviltamento do ser e,

consequentemente, para o não desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Para Chalita (2008, p. 81) o termo *bullying* vem de um vocábulo em inglês e significa valentão ou tirano. Melo (2010, p. 19) define-o como um fenômeno de violência onde há o desejo consciente e deliberado de maltratar uma ou outra pessoa e colocá-la sob tensão. Um dos principais nomes que estuda as violentas práticas de *bullying* no Brasil é Cleo Fante, a qual considera que o fenômeno é um dos grandes problemas que afeta a vida escolar (FANTE, 2005).

Sem dúvidas este tema levanta inquietações e coloca professores, pais, gestores, sistemas de ensino e os próprios alunos em constantes conflitos em como lidar e desenvolver frente de embate a este mal que interfere diretamente nos processos que se destinam à formação do ser no espaço

escolar. Por isso, é necessário compreender que a prática educativa, assumida pela figura do professor, é de suma relevância, pois é o sujeito em maior contato com os educandos, os quais, na maioria das vezes, são vítimas do fenômeno que, no Brasil, recebe o nome de intimidação sistemática (BRASIL, 2015).

O *bullying* é um fenômeno intencional e como consequência de sua existência há: o medo, a angústia, a dor, o desinteresse pelo estudo, o abandono escolar e como resultado irremediável: a morte. Ferreira (2017, p. 12) diz que ele é um tipo de violência, constituída em lugares nos quais o preconceito, a discriminação e a falta de cuidado, de diálogo, de acolhimento e de amor existem.

Dessa forma, é necessário desenvolver ações afirmativas na escola que colaborem para o enfrentamento do fenômeno *bullying* de modo a promover a integração entre os estudantes e os profissionais que constituem este espaço de formação e, em virtude disso, minimizar este ato impróprio para a vida e para as relações tecidas num dos principais *locus* de formação humana. Assim, a prática educativa, entendida como o fazer do professor, deve cooperar para este fim, pois ela comporta uma determinada orientação, cujo exercício pode fortalecer ou aviltar a formação do educando. Zabala (1998), Freire (2011), Morin (2011) afirmam que a prática educativa docente orientada para a assunção do ser é um desafio. Dito isto, questiona-se: a que se destina a prática educativa na contemporaneidade? A resposta a esta indagação é um resultado inacabado, porém o ponto de início é o diálogo.

Outro elemento que deve ser considerado no enfrentamento ao *bullying* é o protagonismo juvenil. Trata-

se de uma abordagem importante, visto refletir o olhar do educando, as ideias, os valores dos estudantes no tocante ao aparecimento de práticas que colaborem para vencer este mal, o qual tem sido motivo de tantas violências no espaço que deve ser de aprendizagem, de interação, de socialização e de apreço ao amor (FREIRE, 2011). Dessa forma, a educação como fator de desenvolvimento humano não pode negar ou tergiversar o protagonismo juvenil, compreendendo os adolescentes como pontes precisas para a tomada de decisões e de resolução de contextos conflitantes em que eles são vetores singulares para a transformação e necessitam de oportunidades concretas para o seu desenvolvimento pleno. Assim, o estímulo à participação cidadã juvenil é considerado uma das estratégias de prevenção da violência (UNESCO, 2005, p. 149).

Ao considerar estes elementos agregados para fortalecer o trabalho de enfrentamento ao *bullying* escolar, pensou-se no alinhamento das tecnologias digitais de conhecimento e posse dos educandos que considerassem a voz / a ação do estudante, pautando-se na concepção de protagonismo e no uso destas tecnologias permitindo o exercício de práticas cujas vivências tivessem sido elencadas pelos próprios estudantes. Logo, levou-se em consideração a abordagem de enfrentamento trazida por Alvilés Martínez (2013, p. 16) que diz ser indispensável que todos os membros da comunidade educativa participem nos processos de reflexão, formação, decisão e atuação contra o *bullying*.

Estabeleceu-se como caminho o desenvolvimento da produção de curtas onde os atores, editores, roteiristas fossem os próprios estudantes, recorrendo aos recursos tecnológicos dos

celulares para a elaboração dos curtas que tiveram como foco temáticas relacionadas ao enfrentamento do fenômeno *bullying*, considerando a criatividade e a iniciativa dos próprios estudantes sob mediação da ação docente.

Assim, inicialmente é trazida na fundamentação teórica uma reflexão sobre o fenômeno *bullying*, logo após é apresentada a estratégia de elaboração de curta-metragem para o enfrentamento ao fenômeno. De contínuo foram discutidas as produções dos estudantes e a prática do cine-*antibullying* apontando os resultados encontrados e a discussão deles e, por fim, encontram-se as considerações inacabadas desse presente artigo cujo término se abre a novos processos reflexivos que percebam a relevância dos atores escolares para o enfrentamento ao *bullying* com adolescentes na ambiência escolar.

2. Compreensão do fenômeno *bullying*, da prática educativa docente e o curta-metragem como estratégias de enfrentamento

O *bullying* é um fenômeno que interfere diretamente no processo de alteridade, de diálogo, de respeito, de amor cuja identificação não é simples. Além disso, tratá-lo não é fácil. Ele é complexo e de difícil tratativa e tem por base “o fato de que os humanos nem sempre compreendem as diferenças existentes entre eles” (SILVA, 2010, p. 17). Em face a este aspecto e tendo a necessidade de minimizá-lo, no Brasil, houve a sanção da Lei n.º 13.185 de 2015, a qual instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*). Nela é possível entender o conceito dessa violência, interpretado pela lei como:

Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente,

praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

A lei citada apresenta algumas características que denotam esta violência, a saber: agressões físicas, psicológicas e atos de intimidação, humilhação ou discriminação de modo contínuo, repetitivo e intencional, além disso, expõe outros comportamentos que se relacionam ao fenômeno, tais como:

I - ataques físicos; II - insultos pessoais; III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; IV - ameaças por quaisquer meios; V - grafites depreciativos; VI - expressões preconceituosas; VII - isolamento social consciente e premeditado; VIII - pilhérias (BRASIL, 2015).

É possível observar que várias destas práticas acompanham o dia a dia da sala de aula na escola, das experiências vivenciadas no espaço escolar e incide diretamente na sua dinâmica e nos seus objetivos. Como violência proposital o *bullying* escolar lega consequências indesejáveis, as quais cooperam para o processo de aviltamento na formação humana. Conforme Alvilés Martínez (2013, p. 34), o fenômeno ainda coopera para o isolamento, afastamento escolar, depressão, transtornos compulsivos e síndrome do pânico. Esses são alguns dos contextos adquiridos com a prática deste ato atroz e cruel cuja indiferença a ele tende a contribuir para o seu fortalecimento.

É por isso que o enfrentamento ao fenômeno no espaço escolar necessita dos esforços dos adultos, em especial, do professor, dado que ele passa a maior parte do tempo na companhia dos

estudantes procurando estabelecer e fundamentar os objetivos a que se destina a educação. Se de um lado, tem-se a prática do *bullying*, que conforme Coloroso (2004, p. 13 - 14), diz ser uma atividade deliberadamente hostil e orientada pelo objetivo de ferir, induzir medo pela ameaça de futuras agressões e criar terror. Do outro, há a prática educativa docente cujo fim é fazer valer os princípios apresentados no artigo 3.º da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional que se efetiva com a liberdade de pensar, o respeito à liberdade e apreço à tolerância (BRASIL, 2015).

Por isso, concebe-se essencial, na base da prática de enfrentamento, a cultura da paz e cabe, no fazer do professor, abertura ao afeto, ao diálogo como estratégias que têm retorno mais rápido, mais duradouro e menos estressante do que a bronca, os gritos, o castigo e a indiferença (MELO, 2010, p. 54). Entende-se, ainda na postura e exercício docente, a precisa e contínua promoção dos valores tendo como direcionamento “respeitar à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência” (FREIRE, 2011, p. 61). O pensamento de Alvilés Martínez (2013, p. 14) apoia essa perspectiva que assegura ser fundamental o processo de sensibilização, isto é, de tornar o *bullying* conhecido, pois é necessário entender as questões que o dinamizam, tais como: causas e consequências.

Assim, é ‘mister’, em todos os processos, conceber o pensamento dos atores inseridos na realidade em que a violência do *bullying* se faz existente, convocando-os à participação no processo de enfrentamento, principalmente, compreendendo o protagonismo juvenil, visto que este pode ser entendido como um método educativo colaborativo, pois evoca os estudantes para o enfrentamento das violências que se

desenvolvem no recinto escolar e contribui, consoante Costa (2000, p. 49), para o aprender a conviver, isto é, ter a capacidade de comunicar-se, interagir, não agredir, decidir em grupo, cuidar de si, do outro e do lugar em que se vive.

Diante disso, Melo (2010, p. 55) compreende haver estratégias que favorecem para a minimização do fenômeno através da utilização de pequenos vídeos de esclarecimentos ou depoimentos de pessoas que foram vítimas para promoção da sensibilidade. Por este prisma, considera-se também essencial o uso de curta-metragem para elaborar propostas de situações em que se inserem muitos estudantes no cotidiano escolar ou mostram narrativas que evidenciam práticas de *bullying* na escola, colaborando para a sensibilização e para o enfrentamento deste fenômeno a partir das experiências das personagens retratadas pelos próprios textos produzidos, dirigidos, interpretados pelos próprios educandos.

Para Moletta (2009, p. 17), o curta é:

uma forma breve e intensa de contar uma história ou expor um personagem [...]. Esse formato de cinema tem como principais características a precisão, a coerência, a densidade e a unidade de ação ou impressão parcial de uma experiência humana.

Desse modo, através da produção de curtas, os estudantes têm a possibilidade de apontar, em suas produções, uma crítica social. Ou seja, os curtas se configuram como uma estratégia possível para conscientizar/sensibilizar sobre o *bullying* e contrariá-lo na ambiência escolar. A partir do olhar dos estudantes criadores de seus roteiros, histórias e interpretações, todos envolvidos observem o tratamento do próprio estudante em relação ao enfrentamento à violência *bullying*

(verbal, físico, sexual, psicológico) e *ciberbullying*.

Assim, as produções desenvolvem ações que levam a profundas reflexões dos problemas suscitados pela intimidação sistemática. Além disso, apresentam-se como uma alternativa que torna conhecido o fenômeno e elas expõem uma crítica ao mesmo na tentativa de minimizá-lo. Por isso, a produção de curtas também está em consonância com os objetivos traçados pela **competência 5** da Base Nacional Comum Curricular destinada ao Ensino Fundamental na Área de Linguagens e suas tecnologias, compreendendo que devem os estudantes:

Utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017).

Já no Ensino Médio é apresentada esta necessidade na **competência 7**, trata-se de:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL 2017).

Portanto, a prática educativa docente pode e deve se abrir a utilização de elementos inovadores que cooperem para o processo de crítica e reflexão dos fenômenos sociais e, no que lhe concerne, interfiram diretamente na

aprendizagem e na formação do educando. Neste caso, o uso de tecnologias conhecidas pelos estudantes, tal como o manuseio de celulares para fim de produção de curta-metragem, é importante para o entendimento de que no processo de enfrentamento ao *bullying* é salutar inserir o educando como sujeito partícipe, cujas ideias também partam da tomada de decisão dele e haja uma prática sensibilizadora, a qual pode ser vista com a produção de curta-metragem.

Outro ponto relevante nesse processo é a possibilidade de o estudante recorrer aos aplicativos variados para auxiliá-lo na atividade de base colaborativa e que se presta ao enfrentamento ao *bullying* escolar, portanto, os processos, resultados dessa prática, atendem as competências apresentadas na própria Base Nacional Comum Curricular, dialoga com os documentos oficiais, considera as diretrizes existentes na LDB – Leis de Diretrizes e Base da Educação Nacional – e ao orientado na Lei n.º 13.185/2015. Além disso, fomentam a interação, o respeito, a sociabilidade, a troca e interação coletiva e estimula a vivência de contextos que busquem minimizar o fenômeno *bullying* com adolescentes no espaço de formação integral do indivíduo: a escola.

3. O curta como estratégia de enfrentamento à violência escolar

A prática de produção de curtas foi resultado das reflexões obtidas nas aulas de língua portuguesa vivenciadas numa escola pública de referência localizada na cidade do Recife - PE. Portanto, recorrendo ao método da pesquisa-ação que, segundo Thiollent (1986, p. 14), objetiva-se na resolução de um problema coletivo em que pesquisadores e participantes representativos da situação-problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. À

vista disso, justifica-se a escolha desse método, porque ele se efetiva na escuta dos envolvidos e considera-os na tomada de decisão do problema — neste caso o *bullying* com adolescentes no espaço escolar — desse modo as estratégias partidas ou nascidas a partir do olhar dos sujeitos colaboram para a premissa do protagonismo juvenil.

Diante disso, o professor pensou numa dinâmica que considerou as dimensões de violência expostas na lei n.º 13.185/2015, que serviu de base epistemológica para as reflexões com os estudantes sobre o *bullying* no espaço escolar e contribuíssem para a produção de curtas sobre as naturezas das agressões física, verbal, moral, sexual e virtual *cyberbullying* (MANZINI, 2013, p. 56).

Logo, as aulas serviram de ponto de encontro para a discussão e para a troca de experiências sobre o fenômeno da intimidação sistemática. Ademais, pensou-se nas causas, nas consequências e no desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento ao *bullying* escolar, pois é na escola que ele deixa marcas profundas e consequências que afetam o processo de humanização. É importante salientar que foram discutidos os atores envolvidos na situação, isto é, os agressores, as vítimas e as testemunhas. Todavia, compreendeu-se que todos, na ambiência escolar, inclusive o agressor, são vítimas da violência, visto que o mesmo é, muitas vezes, carente de atenção, de cuidado e de amor.

Inicialmente, ministraram-se as aulas aos estudantes de duas turmas de 1.º ano e duas turmas de 2.º ano, permitindo a interação destes participantes para em conjunto pensarem em estratégias que pudessem cooperar para o enfrentamento ao *bullying*. Em continuidade, os estudantes, por sala, se dividiram em três

grupos e cada um deles selecionaram uma natureza de agressão para elaborarem um curta que refletisse na necessidade de enfrentamento à intimidação sistemática. A sequência das atividades, encontros e discussões, bem como da elaboração dos curtas durou 1 (um) bimestre, pois, nas aulas de português, duas aulas por semana foram destinadas a este fim, atendendo e alinhando-se aos eixos de leitura, escrita e oralidade.

Por fim, diante do movimento da pesquisa-ação, os estudantes decidiram como proposta final a produção do cine-*antibullying* para sensibilizar os demais estudantes da escola contra este fenômeno que interfere no processo de formação humana. Desse modo, os resultados dos curtas-metragens foram expostos a toda comunidade escolar com fim de entenderem o *bullying*, suas causas, suas consequências e meios de enfrentá-lo.

4. Refletindo as produções do cine-antibullying

As aulas de língua portuguesa foram as que se abriram à reflexão do fenômeno *bullying* e projetaram-se na tentativa de sensibilizar os estudantes a compreenderem o fenômeno da intimidação sistemática e a pensarem em ações que colaborassem para minimizá-lo. Por isso, ao discutir o fenômeno *bullying* com os adolescentes, foi percebido que ele enfraquece as relações humanas na escola, ocasiona a não aprendizagem e interfere negativamente na sala de aula — o principal espaço de socialização do saber na instituição escolar, rompendo as relações significativas.

Em relação à dinâmica escolar e o seu papel, o fenômeno ainda consegue desestruturar o que se propõe ao estabelecido na Lei n.º 9.394 de 1996 que considera a escola um espaço aberto à

convivência e à formação cidadã, com ênfase no respeito e no apreço à tolerância.

Foi possível, ainda, perceber o papel do professor através de sua prática, que se mostrou aberta, considerando os diversos contextos na sala de aula e aprofundou-se em temáticas sensíveis como o *bullying* para que o processo de formação dos educandos não deixasse de ser efetivado. Conforme Morin (2011, p. 43), a educação deve considerar a condição humana, isto é, perceber que somos complexos e no homem diversos sentimentos são permeados: ora somos solidários, ora somos egoístas.

Por isso, considerar esse aspecto da natureza humana é importante e, na medida em que o professor se inclina a essa compreensão, é possível a proposição de uma formação que respeite a condição do próprio humano. Sendo assim, o educador se converteu num ser que, segundo Freire (2011, p. 100), “é um professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação [...] professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo”.

Outro ponto que merece atenção e não se pode tergiversar diz respeito à participação dos educandos na

elaboração dos curtas sobre as naturezas do fenômeno *bullying* escolar. Neste sentido, foram elaborados 12 curtas que tinham como fim a percepção do fenômeno *bullying*, suas causas e suas consequências. Além de ser um exercício onde se averiguou a contínua participação dos educandos na roteirização, no uso dos espaços da escola, pois todos os vídeos foram produzidos nas dependências físicas da instituição de ensino, eles ainda tiveram oportunidade de desenvolver a **competência 7** da Área de Linguagens do Ensino Médio estabelecida na nova Base Nacional Comum Curricular — BNCC. Ela orienta a exploração de interfaces técnicas como o uso de novas tecnologias, bem como o manuseio de aplicativos que ajudem na formatação de vídeos, de áudio, de imagens e contribua para produção de sentido crítico reflexivo. Cabe mencionar que, com a exposição dos curtas, foi possível apreciar uma visão muito amadurecida sobre a necessidade de enfrentar o *bullying*, esse mal que lega dor, sofrimento e angústia.

Foram desenvolvidos os seguintes curtas:

Títulos	Natureza do <i>bullying</i> Manzini (2013)	Tempo do curta
Ela não merece nossa amizade	<i>Bullying</i> psicológico	Duração: 7'40''
Gelder Lepine	<i>Bullying</i> psicológico	Duração: 8'48''
Vamos espalhar a nova	<i>Ciberbullying</i>	Duração: 6'02''
Dentro das redes sociais	<i>Ciberbullying</i>	Duração: 7'12''
Como tudo começou	<i>Bullying</i> físico	Duração: 5'52''
Amor “proibido”	<i>Bullying</i> físico	Duração: 5'44''
Eu te pego no intervalo	<i>Bullying</i> físico	Duração: 8'00''
Em uma palavra	<i>Bullying</i> verbal	Duração: 5'13
A história de Jonas	<i>Bullying verbal</i>	Duração: 5'07''

Piriguete	<i>Bullying</i> verbal	Duração: 7'38''
O meu corpo não é seu	<i>Bullying</i> sexual	Duração: 12'42
Ei, psiu!	<i>Bullying</i> sexual	Duração: 7'43''

Fonte: Elaborada pelo autor (2021) considerando a natureza do fenômeno conforme Manzini (2013).

Por fim, a socialização destes materiais se efetivou em dois espaços da escola, a saber: no auditório e na sala de reunião que comporta 40 pessoas, cujo público-alvo foram os atores escolares – profissionais e educandos. Este momento foi intitulado pelos estudantes e pelo professor de *Cine-antibullying*. Como resultado, houve a socialização do conceito de *bullying* através das produções sob as naturezas selecionadas pelos estudantes, bem como se refletiu nas causas e nas consequências do fenômeno que provocam sofrimento imensurável (SILVA, 2010, p. 08).

Logo, produções voltadas ao fenômeno do *bullying* permitiram refletir nas dimensões do respeito, do amor, da solidariedade, da tolerância, do apreço ao afeto através de temáticas que buscaram discutir a violência na escola. Para Favaro (2009, p. 25), as escolas devem oportunizar discussões sobre o tema com objetivo de evitar o fenômeno. Diante disso, foi possível sensibilizar a comunidade escolar ao enfrentamento: às violências ao grupo LGBTQIA+ (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e + representa outros, tais como os pansexuais); à questão do racismo e da discriminação étnico-racial; ao isolamento social devido à aparência física; ao tratamento ofensivo através de palavras e gestos; à violência sexual e ao uso das redes sociais para afetar os usuários e tantas problemáticas que apontaram para a necessidade de discutir-se com os estudantes estes comportamentos, os quais não podem encontrar facilidade no recinto escolar

nem omissão por parte dos adultos em seu enfrentamento.

Uma das produções apontou que, quando a escola fecha os olhos para esta realidade, os contextos podem resultar em morte. A obra intitulada *Gelder Lepine* com duração de 8'48'' apresenta a vida de um jovem que se sente oprimido numa escola que não lhe escuta e sofre várias formas de violência. Vítima do racismo e da discriminação, o personagem central que dá nome à trama sofre repetidas vezes, sem motivação aparente e toda violência dispensada ao mesmo é intencional. Não sendo compreendido pela família, escola e sem direito a voz na sala de aula tem como escape as drogas. Envolvendo-se com a questão da dependência química, é excluído e tem um final lamentável, pois, não suportando mais as agressões, interrompe a vida de um de seus agressores e culmina com a prática do suicídio. Portanto, o desfecho dessa narrativa em forma de curta apresenta uma das mais cruéis consequências do *bullying* que, segundo Alvilés Martínez (2013, p. 52), são:

a queda da autoestima, a falta de confiança social, o estresse, a insegurança e fobias escolares que reproduzem o desânimo, e a depressão como efeito em longo prazo, além de ideias suicidas e, em geral, seu fracasso escolar e, em certos casos, pessoal e vital (ALVILÉS MARTINEZ, 2013, p. 52).

Logo, como resultado desta prática, percebe-se que há uma necessidade contínua de enfrentamento ao fenômeno *bullying* considerando sempre a visão do educando, pois o estudante é peça central na resolução de problemas, pensando na abordagem do protagonismo juvenil. Não podemos esquecer que o papel das novas tecnologias, como o uso de celulares e edição dos vídeos através dos aplicativos, foi fundamental para cooperar com o enfrentamento, explorando o universo das tecnologias em que muitos adolescentes se debruçam em seus processos criativos. Neste sentido, é possível assegurar que a tecnologia associada à educação é um fator de desenvolvimento humano ou contribui significativamente para isto. Portanto, ao apresentar os curtas produzidos pelos educandos à comunidade escolar foi possível expandir a visão de que toda escola deve estar unida contra este fenômeno que tem a finalidade de difundir o sofrimento.

Por fim, assume relevante papel a prática do professor. O profissional com uma orientação ao diálogo e a escuta de seus estudantes para a tomada de decisões no processo de enfrentamento ao *bullying* se constituiu essencial, pois para minimizar o problema é preciso que haja uma relação positiva entre professores e alunos (FERNANDES *et al.*, 2017).

5. Considerações inacabadas...

A prática desenvolvida na escola com a oferta do cine-*antibullying* possibilitou a cooperação entre os atores escolares para o fortalecimento de ações que colaborem para o enfrentamento ao *bullying*. Além disso, o uso dos recursos tecnológicos conhecidos dos estudantes, tais como os celulares e uso de aplicativos, foi tido como uma estratégia viável no processo de conscientização contra este fenômeno

que, no Brasil, recebe o nome de intimidação sistemática.

Cabe ressaltar que essa ação foi possível, porque durante as aulas de língua portuguesa as discussões sobre as várias naturezas e formas de violência no âmbito escolar envolvendo adolescentes se tornaram ponto de reflexão. Assim, os estudantes, consoante orientação e acompanhamento do professor, desenvolveram ações estratégicas de enfrentamento ao *bullying* e pautados no trabalho colaborativo produziram roteiros, tendo como resultado os curtas produzidos na própria escola. Com a execução dos curtas, a comunidade escolar percebeu uma dinâmica que teve como base o respeito, a solidariedade, a empatia e os valores necessários para a formação cidadã. Não se pode esquecer que fortalecendo estas ações houve o papel do protagonismo juvenil, o qual considera para a solução do conflito o olhar e o exercício do próprio estudante.

Logo, foi possível expandir a visão para a compreensão da cultura da paz e refletiu-se que a escola é um local de solidariedade, de respeito, de amor, de paz, de fortalecimento das relações para o exercício da nossa humanidade. Apesar do protagonismo juvenil, salienta-se que a prática do professor foi indelével, pois permitiu alcançar resultados a partir do uso das tecnologias conhecidas pelos estudantes para o enfrentamento ao *bullying* e entender que na escola, na vivência dos atores, sujeitos de interação, é possível haver uma consciência empática e afetiva, as quais são a chave para não permitir o *bullying* com os adolescentes.

Referências

AVILÉS MARTINEZ, José Maria. **Bullying: guia para educadores**/José Maria Avilés Martínez; tradução J. Guillermo Milán-Ramos; revisão técnica Luciene Regina Paulino Tognetta. – 1. Ed. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. – (Coleção Psicologia e Educação em Debate)

BRASIL Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação.

_____**Lei nº 13.185**, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à intimidação sistemática (Bullying).

_____**Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao> Acesso em: 15 de maio de 2020.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade: bullying – o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 3. Ed. São Paulo: Gente, 2008.

COLOROSO, Barbara. **The bully, the bullied and the bystander: from preschool to high school – how parents and teachers can help break the cycle of violence**. New York: Harper Collins Publishers, 2004.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. Ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FAVARO, Talita Neoti. **Bullying e aprendizagem: desafios e possibilidades no ambiente escolar**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso Superior de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2009.

FERNANDES, Grazielli; YUNES, Maria Angela Mattar; TASCETTO, Leonidas Roberto. **Bullying no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência- Revista sociais & humanas - vol. 30 / nº 3 - 2017**

FERREIRA, Hugo Monteiro. **Vamos Conversar sobre bullying e cyberbullying? CPI dos maus-tratos contra criança e adolescentes**. Brasília: SEGRAF, 2017. 38 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**\ Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

MANZINI, Raquel Gomes Pinto. **Bullying no Contexto Escolar: Prevenção da Violência e Promoção da Cultura da Paz na Perspectiva de Adultos e Crianças**. 2013. 207f. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2013.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como previni-lo, como combatê-lo**. Recife: EDUPE, 2010. 128 p.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em Vídeo Digital: Uma proposta para produções de baixo custo**. São Paulo: Summus, 2009. p. 142.

MORIN, Edgar, 1921. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. Ed. rev. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas escolas**. CNJ – Conselho Nacional de Justiça – Brasília – DF, 2010, p. 17

THIOLLENT. Michel, 1947. **Metodologia da pesquisa-ação**/ Michel Thiollent – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

UNESCO. **Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**. Representação no Brasil. Políticas Públicas de/para/com juventudes. 2ª impressão. Brasília: UNESCO, 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em 2021-10-13
Publicado em 2022-05-01